O cabo-verdiano : uma língua mundial

Nicolas Quint

▶ **To cite this version:**

Nicolas Quint. O cabo-verdiano : uma língua mundial. Revista de Estudos Caboverdianos, 2009, 3, pp.129-144. hal-01169409

HAL Id: hal-01169409
https://hal.science/hal-01169409

Submitted on 8 Mar 2017

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

REVISTA DE ESTUDOS CABO-VERDIANOS

Edições Uni7

DEZEMBRO DE 2009

FICHA TÉCNICA

Título
Revista de Estudos Cabo-Verdianos

Propriedade
Universidade de Cabo Verde

Editor Responsável
Cláudio Furtado

Conselho Editorial
Arlindo Mendes
Carlos Belino Sacadura
Carlos Rocha
Charles Rene Sylva
Charlotte Plaideau
Cláudio Furtado
Clementina Furtado
Cristina Pires-Ferreira
Daniel Costa
Dominika Swolkien de Sousa
Fátima Fernandes
Francisco Carvalho
Iolanda Évora
João Lopes Filho
José Carlos Anjos
Kesha Fikes
Sergio Baptista

Revisão
Henrique Teixeira Oliveira

Tradução
Robert Sakwark

Coordenação Editorial
Gláucia Nogueira

Paginação
Bernardo Gomes Lopes

Redacção e Assinaturas
Revista de Estudos Cabo-Verdianos
Praça Dr. António Lereno
Caixa Postal 379-C Praia – Santiago, Cabo Verde
Tel. (+238) 260 3700; Fax: (+238) 261 26 60
email: glaucia.nogueira@adm.unicv.gov.cv

Edi
.....

O q
na
Kati

Xen
Eufé

Diná
Antó

Cabo
Pedr

Forn
Carla

Signi
Arlind

Os cc
Kika F

O cab
Nicola

Do Ma
de Cal
Maria

A onto
Elnôra

A políti
Sergio

RECEN
Noite d
Maria M

Crioulo
Dominik

Índice

Editorial 7

O que há de global na violência colectiva juvenil na cidade da Praia? Algumas pistas iniciais de reflexão
Katia Cardoso 11

Xenofobia e racismo em Cabo Verde?
Eufémia Vicente Rocha 27

Dinâmica de longo prazo da migração em Cabo Verde
António Baptista/Victor Tavares 37

Cabo Verde. Da problemática da fecundidade a uma análise reflexiva (I)
Pedro Brito/Teresa Rodrigues 47

***Fornadja*: um outro espaço de protagonismo da mulher rural**
Carla Carvalho 63

Significado da sulada em Santiago: um reparo etnográfico
Arlindo Mendes 79

Os contos tradicionais como uma possibilidade de leitura da cabo-verdianidade
Kika Freyre 107

O cabo-verdiano: uma língua mundial
Nicolas Quint 129

Do Magistério Primário ao Instituto Pedagógico de Cabo Verde: mudam-se currículos, os tempos e as vontades...
Maria Adriana Sousa Carvalho 145

A ontologia e o transcenscendental: um esboço
Elnôra Gondim/ Osvaldino Marra Rodrigues 159

A política do reconhecimento em Hegel e Charles Taylor
Sergio Portella 175

RECENSÕES
Noite de Vento
Maria Manuela Araújo 193

Crioulo de Cabo Verde. Situação linguística da zona do Barlavento
Dominika Swolkien 197

Siglas utilizadas neste volume

ABECS – Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares

ALUPEC – Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-Verdiano

ANF – Armando Napoleão Fernandes

CCHL/UFPI – Centro de Ciências Humanas e Letras/Universidade Federal do Piauí (Brasil)

DCSH – Departamento de Ciências Sociais e Humanas (Uni-CV)

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Brasil)

FNUAP – Fundo das Nações Unidas para a População

IDSR – Inquérito Demográfico e à Saúde Reprodutiva

INDP – Instituto Nacional para o Desenvolvimento das Pescas (Cabo Verde)

INE – Instituto Nacional de Estatística (Cabo Verde)

ISEGI – Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação (Portugal)

LCV – Língua Cabo-Verdiana

LLACAN – Linguagem, Línguas e Culturas da África Negra (França)

ONG – Organização Não Governamental

PNP – Política Nacional de População

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Brasil)

Uni-CV – Universidade de Cabo Verde

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Brasil)

O cabo-verdiano: uma língua mundial[1]

Nicolas Quint

Doutor em linguística hispânica, engenheiro agrónomo e investigador
em linguística africana no laboratório LLACAN (UMR8135 - INaLCO/cNRS)

Spaiód n-ess mund fóra
Só rótch'i már...

Nando da Cruz

Espalhado por este mundo
Não és mais do que rocha e mar...

Resumo/Abstract

Este artigo pretende mostrar até que ponto a génese e a vida do idioma cabo-verdiano estão ligadas ao fenómeno da globalização. Numa primeira parte, mostra-se, com base em argumentos lexicais, morfológicos e semânticos que o crioulo de Cabo Verde pode legitimamente ser considerado como uma língua afro-europeia, ou seja, fruto do encontro das culturas de dois continentes. Na segunda parte, examina-se a dinâmica actual da língua cabo-verdiana na República de Cabo Verde, assim como nas diversas comunidades da diáspora, espalhadas por três continentes (África, América e Europa). Em conclusão, salienta-se que o futuro e a sobrevivência do crioulo do Arquipélago dependerão sempre das relações que Cabo Verde souber manter com o mundo fora.

1 **Agradecimentos:**
– À FAPESP, que financiou a minha participação no III Encontro da ABECS, em que apresentei, pela primeira vez, esta comunicação.
– À senhora Eliane Kettels, da Coordination pour la Scolarisation des Enfants Étrangers du Ministère de l'Éducation Nationale et de la Formation Professionnelle [Luxemburgo], que com tanta gentileza respondeu às minhas perguntas sobre a comunidade cabo-verdiana no Luxemburgo.
– À minha amiga e colega, Mafalda Mendes, que, para além de ter revisto este texto, me fez várias sugestões construtivas relativamente ao conteúdo do mesmo e em particular me facultou os dados referentes à situação da comunidade cabo-verdiana em Portugal.
– Ao meu colega Gérard Dumestre, que com tanta presteza e amabilidade respondeu às minhas dúvidas acerca da forma das palavras bambarãs apresentadas neste artigo.
– Ao ilustre professor Hildo Honório do Couto, director da revista *Papia – Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares* (em que este artigo foi publicado por primeira vez, cf. Quint, 2005), que muito amavelmente, me deu a sua autorização para publicar o presente texto na *Revista de Estudos Cabo-Verdianos.*

***Palavras-chave**: crioulo caboverdiano, globalização, diáspora, afro-europeu, língua mista*

This article aims at showing the extent to which the genesis and present development of the Capeverdean language are linked to the phenomenon of globalization. First, it is argued, by means of lexical, morphological and semantic evidence, that Capeverdean Creole can rightly be considered an Afro-European language, i.e. the result of the encounter of the cultures of two continents. Second, a comprehensive account is given of the dynamics of modern Capeverdean Creole, in the Republic of Cape Verde as well as among the various communities of the Capeverdean diaspora, presently scattered across three continents (Africa, America and Europe). Lastly, stress is laid on the fact that the future and possible survival of this creole language will always depend on the relationship that Cape Verde is able to maintain with the rest of the world.

***Keywords**: Capeverdean Creole, globalization, diaspora, Afro-European, mixed language*

Introdução [2]

A língua cabo-verdiana, falada por quase todos os habitantes do arquipélago de Cabo Verde, na África Ocidental, pode, legitimamente e por variadas razões, ser considerada como símbolo da globalização:

- em primeiro lugar, pelas suas origens, dado que o cabo-verdiano é fruto do encontro das culturas de dois continentes, África e Europa;
- depois, pelo facto de o cabo-verdiano ser falado, quotidianamente, por importantes comunidades humanas instaladas em três continentes: África, América e Europa.

Através de alguns exemplos retirados da variante santiaguense, falada pela maioria da população, mostrarei como a língua cabo-verdiana integra, nas suas estruturas, os vestígios da sua dupla origem afro-europeia.

Em seguida, examinarei os problemas e os desafios que se colocam a uma comunidade linguística espalhada por numerosos países e cuja maioria de locutores vive fora do seu país de origem.

I. O cabo-verdiano: uma língua afro-europeia

I.1. Algumas palavras africanas no meio de um mar (lexical) português

À primeira vista, o léxico do cabo-verdiano parece quase sem excepção derivado do português. De facto, mais de 95% dos vocábulos de uso corrente no cabo-verdiano santiaguense (a variante da língua mais influenciada pelas línguas africanas) têm como étimo alguma palavra da língua lusitana.

2 Lista das abreviaturas usadas neste artigo: ANF = Armando Napoleão Fernandes; cv. = cabo-verdiano; pbr. = português do Brasil; port. = português; VE = verbo de estado.

Exemplos: cv. **nabidja, diábu, odja** /nɐ'bidʒɐ, 'djabu, 'odʒɐ/ *novilha, diabo, ver* <port. *novilha, diabo, olhar*[3] /no'viʌɐ, 'djabu, o'ʌar/.

No entanto, existem também em cabo-verdiano algumas palavras com origem em línguas faladas no continente africano. Assim, em santiaguense, também designado badio:

- o significado "*novilho*" realiza-se sob a forma **djáki** /'dʒaki/, do uólofe *yëkk*, "*touro*";
- um dos vários demónios, espíritos e diabretes que povoam o panteão dos seres sobrenaturais da tradição badia chama-se **iram** /i'rɐ̃/, do timené *an-iran*, "*génio, espírito*";
- se em crioulo de Santiago o verbo significando "*ver*" provém do português *olhar*, no entanto, o sentido "*olhar*" traduz-se por **djobi**/'dʒobi/, do mandinga *juubee*, que tem o mesmo sentido.

Existe, assim, um filão obviamente africano no léxico cabo-verdiano, embora com um peso estatístico muito reduzido quando comparado com o peso do vocabulário de origem portuguesa. Até este momento, detectei setenta e seis palavras santiaguenses de comprovada origem africana, ou seja, cerca de 1% do vocabulário usual da língua[4]. Por outras palavras, o peso da componente lexical africana no crioulo cabo-verdiano é comparável ao peso do elemento gaulês no francês moderno[5], cujas características pouco têm a ver com as das línguas célticas. Se atentarmos apenas nas palavras, a influência africana é muito reduzida em cabo-verdiano e, no que diz respeito ao vocabulário, o cabo-verdiano bem pode ser considerado como uma língua românica ou, mais precisamente, como um idioma novi-português.

Note-se, porém, que as palavras cabo-verdianas identificadas como africanas, apesar do seu diminuto número, podem ensinar-nos muitas coisas sobre as línguas não-europeias que mais contribuíram para a génese do nosso crioulo. Assim, olhando para as origens destas palavras, constatamos a preponderância de vestígios de duas línguas: o mandinga[6] (entre 55 e 60%) e o uólofe (20 a 25%)[7]. Este facto explica-se directamente pelas circunstâncias históricas do povoamento de Cabo Verde. A partir de finais do século XV, instalaram-se nas ilhas colonos europeus a que se seguiram escravos africanos geralmente oriun-

3 Salvo caso devidamente assinalado, as transcrições fonológicas que se encontram neste artigo correspondem à pronúncia do português clássico, que se falava nos séculos XVI-XVII, época em que muito provavelmente se formou a língua cabo-verdiana. A reconstituição da pronúncia do português daquela época baseia-se essencialmente nos trabalhos de Paul Teyssier (1993). Para mais considerações sobre a importância da diacronia do português nos estudos dedicados aos crioulos de base lexical portuguesa, cf. Quint (2001).

4 O número de entradas dos dois dicionários santiaguenses hoje publicados eleva-se respectivamente a 4000 (QUINT: 1999) e 8000 (LANG: 2002).

5 No francês moderno, existem cerca de setenta palavras derivadas do gaulês (WALTER, 1988: 36-37).

6 O termo mandinga é aqui considerado no sentido lato da palavra, abrangendo o conjunto das populações (mandingas da Guiné, bambarófonos, malinkés...) que se reivindicam como herdeiras da tradição cultural do império Mandé e cujas línguas são hoje tão próximas entre si como as línguas românicas.

7 Para as proporções de vestígios de cada língua no acervo lexical cabo-verdiano de origem africana, veja Quint (2000; 2006; 2008; no prelo), Rougé (1999), Parkvall (2000: 110).

dos da costa entre Dacar e a Serra Leoa, controlada naquela altura pela capitania de Cabo Verde (CARREIRA, 1984: 23-24, 43; SILVA ANDRADE, 1996: 41-47; LANG, 2002: XXI). Ao longo de cinco séculos, as duas maiores línguas veiculares nessa região de África foram, e continuam a ser, o uólofe, a norte do rio Gâmbia, e o mandinga, a sul, o que significa que foram os idiomas africanos mais consensuais na zona da capitania que mais rastos deixaram no léxico cabo-verdiano.

I.2. Uma gramática mista

No que diz respeito à morfo-sintaxe, o cabo-verdiano deve igualmente muito ao português. Basta mencionar que o morfema de plural em crioulo é -/(i)s/, directamente herdado do português clássico.

Exemplo: port. *menina, rapaz* / me'ninɐ, rrɐ'pas/ > *meninas, rapazes* /me'ninɐs, rrɐ'pazis/.

= cv. **minina, rapás** /mi'ninɐ, rrɐ'pas/ > **mininas, rapásis** /mi'ninɐ s, rrɐ'pasis/.

No entanto, o carácter africano do cabo-verdiano surge de modo mais visível na estrutura gramatical da língua e em particular na esfera verbal. Com efeito, enquanto que a morfologia do verbo português (à semelhança das outras línguas românicas) reserva um lugar preponderante para o tempo em que se situa a acção (passado, presente, futuro), o crioulo de Cabo Verde privilegia o aspecto, ou seja, a maneira como se realiza a acção (se está a ser feita, se está completamente feita, se é habitual, etc.).

Exemplo: consideremos por um lado os verbos crioulos não flexionados **konxi** /'kõʃi/ *conhecer*, e **bendi** /'bẽdi/ *vender* e por outro o pronome pessoal da segunda pessoa do singular, **bu** /bu/ *tu*. A partir destes elementos, é possível produzir em cabo-verdiano os enunciados E1 e E2, a saber:

E1: **bu konxi**, correspondendo ao português *conheces* (presente do indicativo).

E2: **bu bendi**, correspondendo ao português *vendeste* (pretérito perfeito do indicativo).

Para um lusofalante, este caso pode parecer paradoxal: como é que dois verbos cabo-verdianos flexionados de maneira idêntica podem traduzir-se por dois tempos diferentes em português? Na realidade, o paradoxo resolve-se facilmente se tentarmos compreender o funcionamento próprio do verbo crioulo: em E1 e E2, **bendi** e **konxi** são flexionados no mesmo *aspecto*, o *completivo*, caracterizado pela marca zero e que expressa o facto de a acção ter sido completamente realizada. Se vendi alguma coisa, no momento em que estou a falar, pode inferir-se que já *concluí* a acção de vender, ou seja, que efectivamente *vendi* a coisa em questão: logo, a tradução portuguesa mais apropriada do santiaguense **bu bendi** é efectivamente *vendeste*. No entanto, se conheci *completamente* alguma coisa ou alguém, isso implica que *ainda a/o conheço* no momento em que estou a falar (a não ser que entretanto me tenha tornado amnésico!). Essa é a razão pela qual **bu konxi** é traduzido por meio do presente do indicativo em português: se *completei* a acção de conhecer alguma coisa, não posso deixar de conhecê-la no instante presente.

No badio contemporâneo:

- a maioria dos verbos apresenta o comportamento aspectual de **bendi**: quando flexionados no aspecto completivo e na ausência de qualquer outra marca, correspondem geralmente ao pretérito perfeito do português. Chamaremos a estes verbos *verbos fracos* (para outras línguas crioulas, fala-se também de *verbos de acção*);

- um reduzido grupo de quinze itens lexicais comporta-se como **konxi**: quando flexionados no aspecto completivo e na ausência de qualquer outra marca, correspondem geralmente ao presente do indicativo do português. Chamaremos a estes verbos *fortes* (referidos por outros como *estativos* ou *de estado*).

A distinção entre verbos fracos (ou de acção) e fortes (ou de estado) é virtualmente inexistente na morfologia do verbo português.

Porém, tanto no mandinga como no uólofe, encontramos também sistemas verbais:

- cuja morfologia confere um papel fulcral à noção de aspecto;

- que são sensíveis à distinção entre verbos de estado e de acção.

Por exemplo, em bambarã (idioma mandinga), as palavras *í, y(é), à, dón, fèere*, significam respectivamente *"tu, marca do completivo, isso, conhecer, vender"*. Usando estes elementos, podemos produzir os enunciados B1 e B2, bastante semelhantes a E1 e E2:

B1: *í y'à dón*, *"conhece-lo"*;
B2: *í y'à fèere*, *"vendeste-o"*.

O verbo bambarã *dón*, *"conhecer"*, é um verbo de estado e, quando combinado com a marca do completivo, corresponde ao presente do indicativo do sistema verbal português.

O verbo bambarã *fèere*, *"vender"*, é um verbo de acção e, quando combinado com a marca do completivo, corresponde ao pretérito perfeito do sistema verbal português.

Assim, as categorias dos verbos de estado e de acção e os seus respectivos comportamentos aspectuais apresentam muitos pontos comuns em bambarã e em cabo-verdiano.

Encontramos também semelhanças com o uólofe, onde, segundo Diouf e Yaguello (1991):

- *"no [aspecto] completivo, a referência [temporal dos verbos de acção] é o passado*[8]" (p. 212);

- *"os verbos de estado, quando flexionados no aspecto completivo, correspondem ao [tempo] presente*[9]" (p. 215).

Além disso, conferi[10] os equivalentes mandingas e uólofes de catorze dos

8 *"Avec l'accompli, en principe, la référence est au passé"*.

9 *"Les verbes d'état à la forme accomplie correspondent à un présent"*.

10 O linguista senegalês Jean-Léopold Diouf foi o meu principal informante para o uólofe. Quanto ao mandinga, utilizei essencialmente a obra de Creissels (1983: 110-111).

quinze verbos de estado (VE) conhecidos em cabo-verdiano:

- em uólofe, treze dos catorze equivalentes dos VE crioulos são verbos de estado;
- em mandinga, todos os equivalentes que pude encontrar dos VE cabo-verdianos também são verbos de estado nesta língua.

O comportamento aspectual do verbo cabo-verdiano apresenta, portanto, diferenças nítidas relativamente ao sistema português e uma semelhança considerável com o mandinga e o uólofe, ou seja, com as duas principais fontes de palavras africanas em cabo-verdiano.

I.3. O campo da semântica

Também neste domínio o crioulo cabo-verdiano revela o seu carácter indiscutivelmente lusitano, como o atestam os seguintes exemplos:

- os cabo-verdianos, tal como os portugueses e os brasileiros, conhecem e experimentam a *saudade* (em crioulo **sodádi** / so'dadi/), esse sentimento tão característico da sensibilidade e da índole da cultura lusófona;
- a oposição entre *ser* e *estar*, característica das línguas ibero-românicas e em particular do português, encontra-se também no crioulo, onde os verbos **ser** /'ser/ e **sta** /'stɐ/ têm um valor muito parecido ao valor dos respectivos étimos lusos.

Mas, noutros casos, são as origens africanas do crioulo que permitem explicar o seu comportamento semântico. Assim, em santiaguense existem várias maneiras de perguntar a alguém quantos irmãos é que tem, entre as quais esta:

E3: **a-nhós é kántu na nhós mai?** /ɐ'ñɔz e 'kãtu nɐ ñɔz 'mɐj/ literalmente "*vocês + ser + quanto + em + vosso + mãe*".

Tal formulação é imediatamente compreensível para um locutor do santiaguense enquanto que, na ausência de qualquer explicação, o sentido de "*vocês são quantos em vossa mãe*" resultaria quase opaco para um lusofalante que não conhecesse o badio.

Entretanto, E3 pode ser traduzido quase literalmente para o bambarã, língua em que é normal inquirir:

B3: *á yé jòli yé á bá lá?*, literalmente "*vocês + ser1 + quanto + ser2 + vocês + mãe + em*".

Tendo em conta que, em bambarã:

- a copulativa com valor equativo é representada por um morfema descontínuo, consistindo num duplo *yé*, colocado por diante e por trás do atributo (DUMESTRE, 2003: 34-35);
- os equivalentes bambarãs das preposições portuguesas são posposições, colocadas atrás do nome (o que explica que *lá*, "*em*" esteja a seguir o substantivo *bá*, "*mãe*" (DUMESTRE, 1998-1999)), pode

afirmar-se que E3 e B3 apresentam fundamentalmente uma arquitectura semântica idêntica. É muito duvidoso que tal semelhança seja fruto do acaso, sobretudo se considerarmos que vários outros casos de convergência com o bambarã (ou o uólofe) já têm sido encontrados em cabo-verdiano (QUINT, 2000b: 43-59; 2006; 2008: 87-92; no prelo).

I.4. Perspectivas sobre as origens da língua

Se do ponto de vista lexical o cabo-verdiano é uma língua essencialmente novi-portuguesa, verifica-se também uma presença significativa de elementos africanos tanto na morfo-sintaxe como na organização semântica da língua. Por esse motivo, é possível afirmar que o crioulo de Cabo Verde também é, pelo menos até certo ponto, uma língua novi-africana.

Por fim, no que diz respeito ao acervo de palavras derivadas do português, importa realçar que um certo número dessas palavras interessa particularmente aos estudiosos da história do idioma de Camões e de Machado de Assis, já que o seu uso em Cabo Verde coincide com o português do Brasil (pbr.) e contrasta com a norma do português europeu.

Exemplos: cv. **katchor, fla, tem/** kɐ'tʃor, 'flɐ, 'tẽ/, que em Cabo Verde significam *"cão, dizer, há"*, quer dizer têm o mesmo sentido que as palavras etimologicamente afins do pbr. *cachorro, falar, tem*.

Estas semelhanças de evolução semântica entre as séries brasileira e cabo-verdiana tornam bastante credível a hipótese de Paul Teyssier (1984: 14-15) acerca da existência duma variedade particular de português, por ele designada *português de ultramar* (*portugais d'outre-mer*), a qual teria sido levada pelos marinheiros portugueses da época dos descobrimentos para as costas americanas e africanas. Por consequência, até na componente europeia do seu vocabulário, a língua cabo-verdiana é bem merecedora do epíteto *mundial*.

II. O cabo-verdiano: uma língua globalizada

II.1. A cabo-verdianofonia: uma realidade tricontinental

Hoje em dia, a maioria dos cabo-verdianos já não vive no arquipélago. De facto, se a República de Cabo Verde abriga aproximativamente 500.000 habitantes, várias centenas de milhares de cabo-verdianos e cabo-verdiano-descendentes estão dispersos pela América, pela Europa e pela África continental:

- Mais de 300.000 vivem nos Estados Unidos da América (GONSALVES, 1999: 21).

- Na Europa, estima-se que a comunidade cabo-verdiana em Portugal ultrapasse os 100.000 indivíduos (ou seja 1 % da população do país)[11] e as de França e

11 Os dados para 2003 do Instituto Nacional de Estatística (de Portugal) apontam para um total de 64.434 cidadãos estrangeiros de nacionalidade cabo-verdiana a residir em Portugal (constituindo os cabo-verdianos a primeira comunidade estrangeira em Portugal). Nesta contagem incluem-se os nacionais de Cabo Verde

Holanda rondam cada uma a cifra dos 50.000. Existem também comunidades significativas na Itália (mais de 10.000), na Espanha e no Luxemburgo (vários milhares em cada).

- Em África (LESOURD, 1995: 281), as maiores concentrações de cabo-verdianos encontram-se provavelmente no Senegal e em Angola (várias dezenas de milhares de pessoas em cada), mas existem também comunidades importantes noutros países, como São Tomé e Príncipe ou a Costa de Marfim.

Estima-se correntemente que por cada cabo-verdiano residente em Cabo Verde há dois na diáspora. Embora haja quem argumente que esta estimativa é algo exagerada (VIEIRA, 1998: 55, 58), não há dúvida que neste momento existe uma comunidade humana e cultural, constituída por mais de um milhão de pessoas, repartida por três continentes, que se reclama de origem comum: o arquipélago de Cabo Verde. Importa também salientar que a grande maioria dos membros dessa comunidade tem o crioulo cabo-verdiano como língua materna.

que têm um estatuto legal em Portugal, assim como os que solicitaram a autorização de residência no ano de 2003. Este número não inclui os cidadãos portugueses naturais de Cabo Verde, nem os portugueses cabo-verdiano-descendentes naturais de Portugal, nem os cidadãos de Cabo Verde com situação não regularizada em Portugal. A estimativa do número de 100 000 cabo-verdianos a residir em Portugal foi avançada, a partir dos dados disponíveis à data, já em Brigham Gomes (1999). Hoje em dia, à luz dos dados estatísticos disponíveis, muito provavelmente esta estimativa pecará por defeito.

II.2. Breve panorama da situação sociolinguística do cabo-verdiano dentro e fora de Cabo Verde

II.2.1. Em Cabo Verde

II.2.1.1. Crioulo e português: uma convivência instável

Dentro de Cabo Verde, a língua cabo-verdiana representa o idioma quotidiano da esmagadora maioria da população. Independentemente da sua idade ou classe social, (quase) todos os cabo-verdianos residentes em Cabo Verde usam exclusivamente o crioulo na sua conversa do dia-a-dia.

No entanto, o idioma cabo-verdiano, apesar da sua vitalidade social, vê o seu uso confinado à esfera da oralidade, sendo a esfera da escrita reservada à língua portuguesa (na sua variante europeia). Em 2009, o português é a única língua de ensino nos estabelecimentos escolares e a única língua utilizada pela administração cabo-verdiana nos documentos oficiais.

Encontramo-nos, portanto, perante um caso de evidente *diglossia*, já que a maior parte dos cabo-verdianos tem de lidar no quotidiano com duas línguas:

- o cabo-verdiano, língua normal da oralidade;
- o português, língua normal da escrita.

Na prática, as interferências entre as duas línguas são frequentes: na sociedade cabo-verdiana de hoje, observa-se em particular:

1. Uma tendência crescente para a lusitanização de todas as

áreas da gramática do cabo-verdiano (QUINT, 2000b: 251-252).
Exemplo: no santiaguense rural, o significado "*oscilar, balançar, balancear*", corresponde geralmente às formas **djolongi, djondjoli** /dʒo'lõgi, dʒõ'dʒoli/ ou **lolondi** /lo'lõdi/. No entanto, na cidade da Praia e nas camadas mais educadas, usa-se cada vez mais em crioulo o verbo **balansia** /bɐ'lɐ̃sjɐ/, obviamente derivado do português moderno.

2. Múltiplas influências do crioulo sobre as produções (orais ou escritas) em português dos crioulófonos (QUINT, 2000b: 245-250).
Exemplo: o meu colega Aires Semedo (c.p.: 1996) ouviu certa vez no liceu um aluno, que se expressava em português, dizer que o seu camarada tinha dado uma "*resposta mareada*", por influência do crioulo **mariádu** /mɐ'rjadu/, que significa "*errado*".

II.2.1.2. As variantes dialectais

Até agora, todos os exemplos cabo-verdianos apresentados provêm do crioulo santiaguense. No entanto, a língua cabo-verdiana está longe de ser uma realidade monolítica: cada uma das nove ilhas povoadas tem a sua própria variante dialectal, e esta variedade linguística é certamente um dos factores que mais se opõe à sistematização do cabo-verdiano escrito, tornando particularmente melindrosa a questão da definição dum crioulo padrão.

Exemplo: a palavra portuguesa *carro* corresponde a:

- **káru** /'karu/ em Santiago;
- **kár** /'kaʁ/ no Maio;
- **kórr** /'kɔʁ/ em São Vicente;
- **kérru** /'kɛrru ~ 'kærru/ em certas regiões do Fogo;

etc.

Saliente-se ainda que a variação linguística entre ilhas não se restringe ao léxico, abrangendo as mais diversas áreas da língua. Contudo, parece possível discernir dois grupos de dialectos (QUINT, 2000a: 8-10; 2000b: 71-86):

1. os crioulos de Barlavento (Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e Boa Vista), em geral mais próximos do português.

2. os crioulos de Sotavento (Brava, Fogo, Santiago e Maio), que contam com uma presença maior de elementos africanos.

Essa divisão Barlavento/Sotavento tem levado certos investigadores a procurar desenvolver um padrão duplo para a língua cabo-verdiana, servindo o crioulo de Santiago de variante de referência para o Sotavento e o de São Vicente para o Barlavento[12].

12 Esta é, em particular, a opção do linguista cabo-verdiano Manuel Veiga, como o demonstram as suas mais recentes publicações sobre o assunto (1995, 2000, 2002).

II.2.2. Fora de Cabo Verde

A situação do crioulo varia muito em função das culturas dos países de acolhimento das comunidades cabo-verdianas, assim como do grau de concentração dessas comunidades.

II.2.2.1. Nos Estados Unidos da América

Os cabo-verdianos concentram-se essencialmente no Massachussets, em particular nos municípios de Boston, onde, já nos primórdios do século XIX, os cabo-verdianos tinham aportado, trazidos do arquipélago para servir como marinheiros nos barcos baleeiros (LESOURD, 1995: 129-130; SILVA ANDRADE, 1996: 200, 205; REQUEDAZ & DELUCCHI, 1999: 28; COPONS, 2000: 32), e de Brockton. A importância numérica da comunidade local levou à instituição de um sistema sem equivalente no mundo, Cabo Verde inclusive: a introdução do crioulo cabo-verdiano no ensino público, no quadro das secções bilingues reservadas aos filhos de imigrantes que não têm proficiência suficiente em língua inglesa. Ao abrigo deste programa financiado pelo governo americano (GONSALVES, 1999), foram formados professores de língua crioula e foram elaborados material didáctico e vários suportes pedagógicos desenhados inteiramente em crioulo cabo-verdiano. É de notar que a variante dialectal prevalente na comunidade cabo-verdiana americana é o crioulo das ilhas da Brava e do Fogo, que tradicionalmente têm sido as principais fontes da emigração cabo-verdiana para os Estados Unidos da América (LESOURD, 1995: 330-332; VIEIRA, 1998: 58). A preponderância de elementos das variantes da Brava e do Fogo fica bem clara no material produzido por esta comunidade, como por exemplo:

- no *Disionariu preliminariu kriolu*, "*Dicionário preliminário crioulo-[inglês]*" de João Pires & John Hutchinson (1983), onde encontramos as entradas **brigoña**, *shyness* "*vergonha*" (p. 19) e **fra**, *say*, "*dizer*" (p. 29). O pioneiro da lexicografia cabo-verdiana, Armando Napoleão Fernandes (ANF), no seu extenso *Léxico do Dialecto Crioulo do Arquipélago de Cabo Verde* (1991) menciona também estas duas palavras, confirmando a validade dos dados da obra de Pires & Hutchinson, mas assinala que **brigónha** é vocábulo característico do Fogo (p. 19) e que **fra** no sentido de *dizer* se usa na Brava e no Fogo (p. 75), sendo as correspondentes formas santiaguenses respectivamente **burgónha** / bur'gɔ̃ɲɐ/ e **fla** /'flɐ/[13].

- no método de crioulo cabo-verdiano *Pa nu papia kriolu*, "*Falemos crioulo*" de Manuel da Luz Gonçalves e Lelia Lomba de Andrade (2003), onde os autores nos dão a frase **kumó k' el txoma?**, *como é que se chama?*, na primeira lição (p.1). O interrogativo **cumó** é também assina-

13 A forma **fla** consta na obra de Pires & Hutchinson (1983: 28), mas é apenas mencionada como variante da forma **fra**, que constitui a entrada principal no dicionário.

lado por ANF (1991: 42) como palavra própria da Brava e do Fogo. De facto, no badio *"como é que se chama?"* diz-se normalmente **mok' é tchoma?** /'moke 'tʃomɐ/[14].

II.2.2.2. Em Portugal

Apesar da escassez de dados relativos à configuração multilingue da actual sociedade portuguesa, o cabo-verdiano é certamente a segunda língua de expressão no país.

Como já foi referido antes, os cabo-verdianos e cabo-verdiano-descendentes poderão representar cerca de 1% da população nacional. Trata-se de uma comunidade com tendência a concentrar-se geograficamente em aglomerados populacionais etnicamente homogéneos. Assim, os estudos apontam para que cerca de 67% dos cabo-verdianos residentes em Portugal residam no distrito de Lisboa e cerca de 20% no distrito de Setúbal (SEF, 2003; GOMES, 1999). Isto poderá significar que a população cabo-verdiana na região da grande Lisboa representa de 4% a 5% do total da população. Além disso, mesmo dentro destes distritos, os cabo-verdianos tendem a aglomerar-se em bairros onde constituem maioria (estima-se, por exemplo, que a população do Bairro da Cova da Moura, na Amadora, seja constituída por mais de 90% de indivíduos de origem cabo-verdiana). Como é natural, os altos níveis de concentração da população cabo-verdiana favorecem a manutenção da língua cabo-verdiana no seio da comunidade.

No ano lectivo 2001/02, segundo um relatório (DEB, 2003) publicado pelo Ministério da Educação (de Portugal) sobre as línguas maternas faladas pela população discente das escolas públicas de ensino básico, 8076 estudantes das mesmas tinham como língua materna o cabo-verdiano. O crioulo de Cabo Verde surgia em destacado primeiro lugar na lista das línguas maternas faladas pela população escolar (excepção feita ao português). Adicionalmente, verificava-se que destes 8076 estudantes, 7386 se concentravam em escolas da região de Lisboa. A acreditar neste número, os alunos de língua materna cabo-verdiana representariam cerca de 1,9% do total da população discente do ensino básico na área da grande Lisboa.

Por outro lado, segundo os números apurados pelo Entreculturas (1999), relativos ao ano lectivo de 1996/97, sabe-se que existem escolas nos distritos de Lisboa e de Setúbal onde a população de origem cabo-verdiana chegava a constituir clara maioria (por exemplo: na escola EB 1C n.º3 da Damaia e na escola EB 1C n.º3 da Buraca os cabo-verdianodescendentes representavam respectivamente 63,9% e 59% da população discente de cada uma das escolas).

Para além dos estudos oficiais, claramente insuficientes, é facilmente observável, para o observador minimamente atento, o facto de que em certos bairros da grande Lisboa cuja população é maioritariamente de origem cabo-verdiana, por exemplo Cova da Moura e Bairro 6 de Maio na Amadora, o crioulo é a língua da rua. Em tais áreas, o crioulo santiaguense tende geralmente a impor-se às gerações mais novas como língua comum, sendo utilizado até pelos cabo-verdianos oriundos de outras ilhas de Cabo Verde.

14 Pode também ouvir-se a forma mais conservadora **módi k-e tchoma?** /'modi ke 'tʃomɐ/.

II.2.2.3. Na Holanda, em França e no resto da Europa

Nessas terras, os cabo-verdianos não têm o peso demográfico de que gozam em Massachussets ou em Portugal. A tendência para a assimilação linguística é mais forte, e, no caso de França, as gerações nascidas no país de acolhimento tendem a usar o francês em lugar do cabo-verdiano como língua de comunicação familiar. No entanto, o sentimento de pertença à comunidade cabo-verdiana permanece muito mais tempo do que a língua, como o atestam a existência, na Holanda, de uma rádio comunitária (Radio Kaapverdie FM) e, na França, a presença de cafés e discotecas frequentados principalmente por clientes cabo-verdianos, em particular nos municípios de Saint-Denis e de Montreuil, ambos situados nas imediações de Paris.

De entre as comunidades cabo-verdianas europeias, cabe destacar o caso do Luxemburgo, em que o factor cultural cabo-verdiano tem conseguido certo reconhecimento oficial no sistema educativo, o que conduziu à produção de materiais didácticos em crioulo cabo-verdiano (contos, música), destinados a dar a conhecer a cultura cabo-verdiana ao conjunto dos alunos luxemburgueses (TONNAR: 2002).

II.2.2.4. As comunidades africanas

Tanto quanto sei, são muito escassos os dados sobre as comunidades cabo-verdianas implantadas em África. Salientaremos os seguintes factos:

- em Dacar, os cabo-verdianos mantêm o uso do crioulo durante muito mais tempo do que o do português: muitos cabo-verdianos nascidos em Dacar falam crioulo em casa e uólofe e francês na rua, mas não conhecem o português, facto que demonstra, mais uma vez, que o crioulo é efectivamente a primeira língua dos cabo-verdianos.

- em São Tomé e Príncipe (DO CARMO GOMES, 2002), a comunidade cabo-verdiana, descendente em grande parte dos trabalhadores que foram contratados pelos portugueses nos tempos da colonização, representa uma fatia muito importante da população (talvez mais de 10 %). No caso da ilha do Príncipe, a imigração massiva de cabo-verdianos para as plantações teve como consequência o retrocesso do crioulo autóctone do Príncipe, que parece em vias de extinção, devido ao concurso do português, do crioulo cabo-verdiano e do crioulo são-tomense (MAURER 2009: 3-4; Rougé, c.p.).

II.3. Recapitulando: a língua cabo-verdiana na diáspora e na terra-mãe

Actualmente a língua cabo-verdiana constitui uma realidade cultural em Cabo Verde, bem como nas comunidades da diáspora. Porém, no Cabo Verde da emigração, apesar do apego sincero da maioria dos cabo-verdianos à sua língua, que em muitos casos constitui o último *"reduto de uma singularidade cultural ameaçada* (MENDES & al., 2002:8)", a falta de ensino específico, o fraccionamento dialectal e a fragilidade da cultura

escrita em cabo-verdiano condenam o futuro da língua, cuja preservação depende quase exclusivamente da continuidade do fluxo de imigrantes cabo-verdianos. A assimilação linguística, rápida na França ou na Holanda, mais lenta nos Estados Unidos da América ou em Portugal, parece ser um fenómeno inexorável. O método de crioulo acima referido elaborado pelos cabo-verdianos do Massachussets reconhece implicitamente esta tendência para a perda da língua crioula nos Estados Unidos da América, sendo prefaciado por uma pessoa de origem cabo-verdiana que já não pratica a língua dos seus antepassados[15]. Face às línguas fortes dos países anfitriões, a longo prazo, o cabo-verdiano dificilmente assegurará as condições necessárias à sua sobrevivência. Como dizem os crioulos, **é sima pédra ta djuga ku garáfa** /e 'simɐ 'pɛdrɐ tɐ 'ʤugɐ ku gɐ'rafɐ/, literalmente *"é como uma pedra que joga com [= luta contra] uma garrafa"* ou seja: *é uma batalha perdida*[16].

No entanto, a situação é muito diferente no arquipélago de Cabo Verde, onde a língua crioula (mesmo que exposta a certo grau de lusitanização) tende inclusivamente ao alargamento dos seus domínios de uso:

- o crioulo foi utilizado no parlamento em 2000 para debater casos de corrupção;
- no final da década de 1990, pela primeira vez, apareceram estações de rádio a emitir exclusivamente em cabo-verdiano;
- de há alguns anos a esta parte, o crioulo tem sido utilizado com frequência crescente nos cartazes que anunciam as festividades das aldeias do campo santiaguense;
- em 2004, verifiquei que alguns amigos deixavam em casa recados para o cônjuge escritos em crioulo, comportamento quase impensável dez anos antes.

Conclusão

A língua cabo-verdiana, produto de uma simbiose equilibrada entre elementos europeus e africanos, é um dos principais traços culturais partilhados pelas comunidades cabo-verdianas dispersas pelas duas margens do Atlântico. Contudo, o futuro do crioulo, a médio e longo prazo, dependerá em última análise do seu estatuto no arquipélago de Cabo Verde, único lugar no mundo onde ele é língua da maioria, gozando duma vitalidade diariamente reforçada.

No entanto, é indubitável que o "mundo de fora", em geral, e as comunidades emigradas cabo-verdianas, em particular, terão um papel a desempenhar, caso a língua crioula se torne língua escolar e administrativa na República de Cabo Verde. Para desenvolver a sua língua, assim como para prosseguir com o desenvolvimento da sua terra, os cabo-verdianos de dentro necessitarão tanto do apoio financeiro dos emigrantes como de quadros qualificados em linguística (no que diz respeito ao crioulo).

15 Lelia Lomba de Andrade, co-autora do método, declara neste prefácio (p. vii) ser *"falante não nativa [do cabo-verdiano]"* (*"non-native speaker"*) e fala da *"gente que, como ela, só conhecia algumas palavras em crioulo [antes de começar as aulas]"* (*"people like me who only knew a few words of Kriolu"*).

16 Dado que a *pedra* (aqui a língua dominante) acaba sempre por partir a *garrafa* (neste caso a língua dominada, quer dizer o crioulo).

Parece também previsível que, pelo menos a curto ou médio prazo, os cabo-verdianos de fora venham a ter um acesso mais facilitado a este tipo de formação nas respectivas terras de acolhimento do que na mãe-pátria.

Podemos assim concluir que tal como a génese do cabo-verdiano é consequência directa do primeiro balbuciar da globalização, também a sobrevivência do crioulo irá depender grandemente da possibilidade de intercâmbio de conhecimentos e de saberes oferecidos pela intensificação dos movimentos de globalização contemporâneos. A língua cabo-verdiana tem sido sempre e provavelmente continuará a ser, espero que por muito tempo, uma língua mundial no pleno e positivo sentido da palavra.

Referências Bibliográficas

BRIGHAM GOMES, Isabel (org.) (1999). *Estudo de Caracterização da Comunidade Caboverdeana Residente em Portugal*, Lisboa, Embaixada de Cabo Verde em Portugal.

CARREIRA, António (1984). *O Crioulo de Cabo Verde, Surto e Expansão*, Lisboa.

COPONS, Elisenda (2000). *Rumbo a Cabo Verde*, Barcelona, Laertes.

CREISSELS, Denis (1983). *Éléments de grammaire de la langue mandinka*, Grenoble, Publications de l'Université des Langues et Lettres.

DA LUZ GONÇALVES, Manuel & LOMBA DE ANDRADE, Lelia (2003). *Pa nu papia kriolu*, Boston / Portland, M & L Enterprises.

DEB - Departamento de Educação Básica do Ministério da Educação [de Portugal] (2003), *Caracterização Nacional dos Alunos com Língua Portuguesa como Língua não Materna*, http://www.deb.min-edu.pt/fichdown/caracterizacao_nacional_2002_lp2.pdf

DIOUF, Jean-Léopold & YAGUELLO, Marina (1991). *J'apprends le wolof*, Paris, Karthala.

DO CARMO GOMES, Júlio (2002). "Se o Mar Fosse Chão Caminhava até Cabo Verde", *A Semana*, Ano XI, 31 de maio de 2002, N.º559, p. 2-3.

DUMESTRE, Gérard (1998-1999). *Cours de grammaire bambara*, Paris, I.N.A.L.C.O. (Institut National des Langues et Cultures Orientales), inédito.

DUMESTRE, Gérard (2003). *Grammaire fondamentale du bambara*, Paris, Karthala.

Entreculturas - Secretariado Coordenador de Programas de Educação Multicultural (1999). *Base de Dados Entreculturas*, dados gentilmente cedidos por Ana Maria Braga.

FERNANDES, Armando Napoleão (1991). *Léxico do dialecto crioulo do arquipélago de Cabo Verde*, Mindelo, Ivone L. R. Fernandes Ramos.

GONSALVES, Georgette (1999). "Cape Verdean Bilingual Education, the Boston Experience since 1973", *Cimboa* (General Consulate of Cape Verde, Boston, E.U.A.) N.°7, Anu 3, p. 18-22.

INE - Instituto Nacional [Português] de Estatística (2003). "População Estrangeira em Portugal", http://www.ine.pt/prodserv/destaque/destaque.asp?d=28-06-2004

LANG, Jürgen (2002). *Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago de Cabo Verde*, Tübingen, Gunter Narr.

LESOURD, Michel (1995). *État et société aux îles du Cap-Vert*, Paris, Karthala.

MAURER, Philippe (2009). *Principense*, Londres/ Colombo (Sri Lanka), Battlebridge.

MENDES, Mafalda; QUINT, Nicolas; RAGAGELES, Fátima & SEMEDO, Aires (2002). *Dicionário Prático Português-Cabo-verdiano (Variante de Santiago) / Disionári Purtugés-Berdiánu (Kiriolu di Santiágu), ku splikasom di uzu di kada palábra*, Lisboa, Verbalis.

PARKVALL, Mikaell (2000). *Out of Africa, African influences in Atlantic Creoles*, Londres, Battlebridge Publications.

PIRES, João & HUTCHINSON, John (1983). *Disionariu preliminariu kriolu*. Boston, Funkul Nho Lobu.

QUINT, Nicolas (1999). *Dictionnaire cap-verdien-français*, Paris, L'Harmattan.

QUINT, Nicolas (2000a). *Grammaire de la langue cap-verdienne*, Paris, L'Harmattan.

QUINT, Nicolas (2000b). *Le cap-verdien: origines et devenir d'une langue métisse*, Paris, L'Harmattan.

QUINT, Nicolas (2001). "Langues créoles, diachronie et procédés de reconstruction", *Bulletin de la société linguistique de Paris*, Tome XVI, Fascicule 1, p. 265-284.

QUINT, Nicolas (2005). "Línguas crioulas num contexto de globalização – o cabo-verdiano : uma língua mundial", *Papia*, Brasília, 2005, N°15, p. 18-31.

QUINT, Nicolas (2006). "Un bref aperçu des racines africaines de la langue capverdienne", *Cabo Verde, Origens da sua Sociedade e do seu Crioulo [Actes du Colloque International Erlangen-Nürnberg, 23-25 Septembre 2004]*, Tübingen, Gunter Narr, 2006, p. 75-90.

QUINT Nicolas (2008). *L'élément africain dans la langue capverdienne / Africanismos na língua* cabo-verdiana, Paris, L'Harmattan.

QUINT, Nicolas (no prelo). "African words and calques in Capeverdean Creole (Santiago dialect)", BAKER, Philip & BARTENS, Angela (org.), *Black through White*, Londres/ Colombo (Sri Lanka), Battlebridge.

REQUEDAZ, Sabrina & DELUCCHI, Laurent (1999). *Cap-Vert*, Genève, Olizane.

ROUGÉ, Jean-Louis (1999). "Apontamentos sobre o Léxico de Origem Africana dos Crioulos da Guiné e de Cabo Verde (Santiago)", ZIMMERMANN, Klaus (org.), *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*, Frankfurt am Main / Madrid, Vervuert / Iberoamericana, p. 49-65.

SEF – Serviço [Português] de Estrangeiros e Fronteiras (2003), *Relatório Estatístico 2003*, http://www.sef.pt/data/relatorios/2003/relatorio_estatistico_2003.pdf

SILVA ANDRADE, Elisa (1996). *Les îles du Cap-Vert, de la "découverte" à l'indépendance nationale (1460-1975)*, Paris, L'Harmattan.

TEYSSIER, Paul (1984). "La langue portugaise dans le monde", *Les langues néo-latines*. N.º249, p. 5-19.

TEYSSIER, Paul (1993). *História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livraria Sá da Costa.

TONNAR, Christiane (2002). "Elèves capverdiens dans l'école luxembourgeoise", *Forum* (Luxembourg), N.º213, 02/2002, p. 11-13.

VEIGA, Manuel (1995). *Introdução à Gramática do Crioulo*, Praia, Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco.

VEIGA, Manuel (2000). *Le créole du Cap-Vert, Étude grammaticale descriptive et contrastive*, Paris/ Praia, Karthala/ Instituto de Promoção Cultural

VEIGA, Manuel (2002). *O Cabo-verdiano em 45 Lições*, Praia, Instituto Nacional de Investigação Científica.

VIEIRA, Francine (1998). "La "cabo-verdianidade" entre mythe et réalité. Déconstruction identitaire ou condition minoritaire parmi les migrants capverdiens en Europe?", *Lusotopie. Des protestantismes en "lusophonie catholique"*, p. 55-65.

WALTER, Henriette (1988). *Le français dans tous les sens*, Paris, Robert Laffont.